



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

KELTON DE PONTES PEDROSA

**ASPECTOS DA NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM O *REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*: FICÇÃO E REALIDADE**

**GUARABIRA-PB
2020**

KELTON DE PONTES PEDROSA

**ASPECTOS DA NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM O *REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*: FICÇÃO E REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA-PB
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P372a Pedrosa, Kelton de Pontes.
Aspectos da naturalização da violência em O Remorso de Baltazar Serapião [manuscrito] : ficção e realidade / Kelton de Pontes Pedrosa. - 2020.
26 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras - CH."
1. Literatura. 2. Misoginia. 3. Violência. 4. Relação de poder. I. Título

21. ed. CDD 028

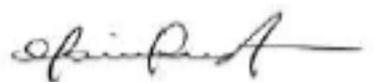
KELTON DE PONTES PEDROSA

**ASPECTOS DA NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
EM O REMORSO DE BALTAZAR SERAPLÃO: FICÇÃO E REALIDADE**

Trabalho (artigo) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 07/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

DEDICATÓRIA

A minha mãe, pela sua simplicidade, incentivo e motivação, que muito contribuiu para que esse sonho fosse possível, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado muita força para prosseguir durante o curso, pois no começo pensei em desistir, mas com fé, persistência e foco consegui chegar à minha querida e sonhada graduação.

A minha família, que sempre esteve presente nos momentos mais difíceis do curso, mas que me deu o apoio necessário para não desistir e continuar, pois sem eles nada seria possível.

Aos meus colegas de trabalho, que me deram muito incentivo para que esse sonho fosse realizado, mesmo nos momentos mais árduos dessa caminhada.

Também quero agradecer infinitamente a todos os meus colegas de curso da turma 2015.1 que durante os nove semestres no qual passamos juntos sempre estiveram ao meu lado me dando total apoio para seguir em frente.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Suely da Costa, por ter aceitado a me orientar neste trabalho e por ter me dado o suporte necessário para sua conclusão.

Quero ainda agradecer aos meus professores do Curso de Letras-Português, por todo o conhecimento adquirido durante esses anos e que muito contribuíram para minha formação como docente.

Aos componentes da Banca Examinadora deste trabalho, pela disponibilidade e contribuição.

Enfim, agradeço àqueles que de alguma forma me ajudaram para que esse sonho fosse concretizado.

A todos meus mais sinceros, muito obrigado!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A sexualidade no contexto da Idade Média: breves considerações.....	11
2.2 A questão da violência contra a mulher na atualidade	13
2.3 O feminismo como igualdade de direitos entre os gêneros.....	15
2.4 Sobre o autor valter hugo mãe.....	16
3 A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO</i>	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a representação da violência em episódios carregados de atos de poder masculino sobre o corpo da mulher, assim como as formas submissas e indigna pelas quais as mulheres são retratadas na obra *o remorso de baltazar serapião*, do escritor *valter hugo mãe*. O interesse está em verificar como a violência contextualizada na Idade Média ainda é recorrente na atualidade, muitas das vezes, posta sob o viés da naturalização. A escolha do tema se deve não só por ser este o de maior destaque na obra, como também pelo fato de ainda vivermos numa sociedade em que a violência contra as mulheres se mostra como um problema social real. A partir de uma metodologia analítico-interpretativa, a discussão terá por base os fundamentos teóricos de Moraes e Lapeiz (1985), Moraes (2003) e Richards (1993), Adichie (2015), Beauvoir (1970), Pereira e Pereira (2011), Pinto (2010), entre outros. Em síntese, apesar de muitas dessas práticas violentas cometidas pelos homens serem consideradas normais naquela época, é que acreditamos que seja de suma importância analisar aqui essas situações de poder e domínio do homem sobre a mulher e tentar assim promover reflexões de como a permanência da violência de gênero ainda se mostra viva na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Literatura. Misoginia. Violência. Relação de poder.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representation of violence in episodes charged with acts of male power over the woman's body, as well as the submissive and unworthy ways in which women are portrayed in the work *the remorse of baltazar serapião*, by the writer *valter hugo mother*. The interest is in verifying how the contextualized violence in the Middle Ages is still recurring today, many times, placed under the bias of naturalization. The choice of the theme is not only because it is the most prominent in the work, but also because we still live in a society in which violence against women is a real social problem. From an analytical-interpretative methodology, the discussion will be based on the theoretical foundations of Moraes and Lapeiz (1985), Moraes (2003) and Richards (1993), Adichie (2015), Beauvoir (1970), Pereira and Pereira (2011), Pinto (2010), among others. In summary, despite the fact that many of these violent practices committed by men were considered normal at that time, we believe that it is of paramount importance to analyze here these situations of power and dominance of men over women and thus try to promote reflections on how the permanence of violence gender is still alive in contemporary society.

Keywords: Literature. Misogyny. Violence. Power relationship.

1 INTRODUÇÃO

O poderio masculino, que se revela principalmente durante o ato sexual, sobre o corpo feminino e a exploração deste sempre esteve presente em nossa sociedade, desde os primórdios da civilização humana até os dias atuais, mesmo que com intensidades ou formas diferentes.

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão-somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. (BEAUVOIR, 1970, p. 85).

Em decorrência desse fator histórico e religioso as mulheres passaram a estar um passo atrás do homem. No entanto, os tempos mudaram e junto com ele os costumes e necessidades também se modificaram. As mulheres começaram a se posicionarem mais efetivamente na sociedade, ainda muito machista, lutando mais ativamente na busca por seus direitos e liberdades de escolha.

O feminismo veio exatamente como um movimento de luta por direitos igualitários e de denúncia às violências contra a mulher, as quais podem ser ocasionadas de diversas formas e inclusive por intermédio do próprio companheiro ou marido da mulher.

Sabemos que vários são os motivos pelos quais as mulheres são vítimas de agressão: como o alcoolismo de seus maridos, o desemprego, a falta de diálogo dentro da família e vários outros. E, na verdade, não podem ser vistos como motivos, e sim, desculpas descabidas, pois nada justifica uma violência.

A violência contra a mulher é uma questão negativa na sociedade e essa, não pode ser ignorada, pois acontece principalmente nos lares familiares causando diversos danos para a mulher e para a família. Comprometendo assim, a saúde física e também psicológica da mulher gerando nelas problemas de baixo-autoestima, exclusões sociais e várias outras consequências, sendo na pior das hipóteses e não tão raros os casos, a perda da vida.

O presente artigo tem por foco principal abordar os tipos de violência contra as mulheres e fazer um paralelo com as ideias dos movimentos feministas de maneira a relacionar essas temáticas com a obra “*o remorso de baltazar serapião*” do escritor *valter*

*hugo mãe*¹. Dentro da conjuntura do livro analisado foi visível nos depararmos com a problemática das agressões físicas e psicológicas que a personagem *baltazar* desferiu contra as mulheres a sua volta, principalmente à sua esposa, *ermesinda*.

Diante deste fato, buscamos elucidar durante este artigo, a seguinte pergunta. Como as mulheres vítimas de violência podem buscar ajuda para o combate às agressões sofridas?

Esses auxílios, para agir no combate eficaz das questões de agressão, podem ser vistos por meio das políticas públicas que protegem a mulher na contemporaneidade, e também vemos essa ajuda pelas pautas dos movimentos de reivindicação dos direitos femininos, que seguem na luta por melhor visibilidade e igualdade de direitos da classe feminina em relação à masculina dentro da sociedade atual.

Esta pesquisa consistirá no uso de uma metodologia analítica interpretativa. Para tanto, selecionamos os textos de Moraes e Lapeiz (1985), Moraes (2003) e Richards (1993), assim como embasamos esse trabalho nas teorias de Adichie (2015), Beauvoir (1970), Pereira e Pereira (2011), Pinto (2010), entre outros.

A obra "*o remorso de baltazar serapião*" traz em sua trama romântica uma família que é conhecida pelo nome de seu animal de estimação, uma vaca chamada *sarga*, daí eram conhecidos como os *sargas*. Viviam e trabalhavam nas terras de *dom afonso*, sendo esse, dono não só das propriedades e dos animais, mas também se portava como dono dos seres humanos que viviam em seu território. E essa relação de domínio e sujeição acabou adentrando as casas dos servos, fazendo com que os homens repetissem a conduta de *dom afonso*, ao imperar soberano sobre as mulheres, sobretudo durante as relações carnavais vividas pelos personagens.

É justamente a observação dessas relações de sexualidade que se apresentam ao leitor de uma forma violenta que irá compor o corpus de análise desse artigo, visto que as mulheres eram tratadas como seres irracionais, onde uma vaca tinha mais valor do que elas próprias, o que faz assim humanizar uma vaca e desumanizar o próprio ser humano. Temos um exemplo bem claro desta desumanização quando *baltazar* se refere a *teresa diaba*, “ a diferença entre ela e uma vaca ou uma cabra era pouca, até gemia de estranha forma, como lancinante e animalesca sinalização vocal do que sentia, destituída de humanidade, com trejeitos de bichos desconhecido ou improvável.” (MÃE, 2010, p.36).

¹ Os nomes das personagens e nome do escritor da obra em análise estarão em letras iniciais minúsculas, pois é característica do escritor, valter hugo mãe, trabalhar dessa forma em seus escritos. Portanto, sempre que aparecer no corpo do texto tais palavras, estas serão grifadas em itálico para se destacar melhor para o leitor.

Este artigo está dividido em cinco seções, nas quais primeiramente falaremos sobre a sexualidade do período histórico da obra; posteriormente abordaremos a questão da violência contra a mulher na atualidade; na sequência as lutas feministas pela igualdade entre os gêneros; em seguida faremos uma breve apresentação do autor *valter hugo mãe* e por fim analisaremos a obra “*o remorso de baltazar serapião*” sob o viés da violência posta nas representações das mulheres da narrativa e que ainda são recorrentes na sociedade atual, contrastando com a teoria feminista a qual luta a favor das mulheres.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A sexualidade no contexto da Idade Média: breves considerações

Durante a era medieval, as vidas sexuais das pessoas ficaram mais privadas, isso tudo por que a Igreja Católica estabelecia regras que deveriam ser seguidas a risca, uma dessas regras seria que o sexo teria uma única finalidade que era a procriação. Os prazeres da carne, os pensamentos e os desejos sexuais eram considerados como pecado e deveriam ser proibidos a todo custo.

Foi a Igreja, a força dominante na vida moral e espiritual das pessoas na Idade Média, que tomou a iniciativa de especificar que atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e de regulamentar, quando e com quem o sexo poderia ter lugar. O grau em que os objetivos dos eclesiásticos foram atingidos provavelmente jamais será conhecido com precisão. Mas, de qualquer modo, estimativas precisas do grau de conformidade das pessoas às normas sociais e sexuais são em qualquer tempo difíceis. Com tudo, a partir das ações e reações da Igreja, seus pronunciamentos e preocupações, podem deduzir alguma coisa quanto às atitudes e práticas que os eclesiásticos estavam procurando combater. (RICHARDS, 1993, p.33).

Essa repressão dos impulsos sexuais exercido pela igreja é bem característico da cristandade que via o sexo como um “mal necessário” à reprodução humana e um impedimento para o alcance da perfeição espiritual.

Nessa perspectiva de que os cristãos eram orientados que o ato sexual só poderia ser realizado com o único objetivo de procriar, é possível supor o motivo pelo qual o ato se dava de forma tão animalésca, já que não havia a compreensão de que o momento sexual não envolvia só corpo e reprodução, mas também sentimentos entre os dois seres que o executavam.

A solução encontrada para que o sexo se tornasse algo menos pecaminoso, foi a criação do casamento como meio de regulamentar o sexo e a perpetuação da espécie humana.

O sexo não deveria ser usado por mero prazer. Segundo esta definição, todo sexo fora do casamento, tanto heterossexual quanto homossexual, era pecado, e, dentro do casamento, só deveria ser usado para fins de procriação. Os teólogos medievais enfatizaram que era um pecado mortal fazer amor com a esposa unicamente por prazer. (RICHARDS, 1993, p. 34)

É interessante evidenciar que o casamento também era uma forma da igreja continuar exercendo seu poder sobre as pessoas, pois também passou a ditar suas regras para a vida em matrimônio, como: monogamia, posições sexuais e também os dias que os esposos deveriam manter relações com suas mulheres.

Vale ainda ressaltar que a mulher deveria ser sempre a parte passiva durante o ato e submissa ao homem devido a sua inferioridade, já que esta era considerada pela igreja um instrumento do diabo.

Seguindo essa mentalidade Richards (1993), nos explica que:

A mulher era filha e herdeira de Eva, a fonte do pecado Original e um instrumento do Diabo. Era a um só tempo inferior (uma vez que fora criada da costela de Adão) e diabólica (uma vez que havia sucumbido à serpente, fazendo com que Adão fosse expulso do Paraíso, além de ter descoberto o deleite carnal e ter mostrado a Adão). Esta visão da inferioridade da mulher era uniformemente divulgada nos tratados teológicos, médicos e científicos, e ninguém os questionava (RICHARDS, 1993, p.36).

Outra coisa que merece bastante atenção neste tempo histórico era a questão da masturbação que, para a igreja era algo proibido, pois o homem estaria desperdiçando seu sêmen sem visar assim vidas futuras, já que a peste negra naquela época havia dizimado muitas pessoas.

Todas essas regras deveriam ser seguidas à risca e o não cumprimento gerava graves consequências que ia desde os sacrifícios do corpo até as penitências. Diante das determinações da igreja e de suas proibições, cresce assim consideravelmente a prostituição nas cidades, ocasionando a procura do homem pelo prazer fora de casa já que nela não o tinha, ou melhor, não poderia ter.

Nesta linha de pensamento Moraes e Lapeiz (1985), afirma que:

Os costumes do Império Romano sofreram uma mudança radical. A ênfase da castidade física, tanto para os homens quanto para as mulheres se impôs na vida e na arte medievais. Os primeiros cristãos tinham verdadeira obsessão pela ideia do sexo, que provavelmente os perseguia nas longas e solitárias meditações sobre a virtude e a castidade. E para dominar as tentações dos prazeres da carne a Igreja não hesitou em empregar métodos extremos. (MORAES E LAPEIZ, 1985, p. 23).

A classe da prostituição foi bastante marcada na Idade Média, estas práticas envolviam mulheres entre 15 e 17 anos, muitas dessas eram filhas de famílias de classe baixa, que devido

às dificuldades daquela época passavam a vender seus corpos, outra coisa interessante é quem influenciava tal prática era a própria família das prostitutas por questões financeiras.

A trama do romance se passa numa sociedade com traços característicos da Idade Média e com seus episódios marcados pelo machismo, visto que a mulher era duramente castigada por seus companheiros e que a sociedade daquela época fazia vista grossa, pois as viam como seres que só tinham serventia para os afazeres da casa e para os cuidados com os filhos, no qual a Igreja Católica as colocavam como seres inferiores e amaldiçoados por serem frutos do pecado.

Se observarmos as condições femininas na sociedade de hoje, podemos perceber que ainda existe uma Idade Média que é retratada na obra, e que se faz presente nos dias atuais. Os telejornais todos os dias estão noticiando as inúmeras violências contra as mulheres, muitas das vezes sendo mortas por seus companheiros devido ao ciúme e a obsessão de sentimento de posse. Apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda vivenciamos estes fatos que são inaceitáveis e que continuam a reproduzir esses cenários de violência. A seguir veremos um pouco desta Idade Média presente na atualidade, já que infelizmente ainda vivenciamos esses fatos diariamente em nosso meio social.

2.2 A questão da violência contra a mulher na atualidade

A violência contra a mulher é tida como um problema social histórico que se faz presente em todas as camadas da sociedade, podendo ser manifestada de diversas formas. Na grande maioria das vezes se dá pelas relações abusivas entre os indivíduos inseridos na ação, na qual a mulher é alvo de dominação e sujeição, como forma do agressor exercer poder e conseguir obediência e respeito por parte da vítima. Como aborda de forma mais detalhada Pereira e Pereira (2011) quando fala que:

Após analisarmos os diversos instrumentos de proteção e combate à violência contra a mulher, podemos afirmar que a violência doméstica é qualquer ação ou conduta cometida por familiares ou pessoas que vivem na mesma casa e que cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico à mulher. É uma das formas mais comuns de manifestação da violência e, no entanto, uma das mais invisíveis, constituindo-se a mais praticada das violações aos direitos humanos na atualidade. Trata-se de um fenômeno mundial que não conhece fronteiras, classe social, raça, etnia, religião, idade ou nível de escolaridade. (PEREIRA e PEREIRA, 2011, p. 30).

Este tipo de violência está relacionado principalmente aos conflitos de gênero, podendo ocorrer no meio familiar, por vínculos de parentesco natural, civil, afinidade ou relações de afetividade íntima. Como relata o artigo 5º da lei 11.340/2006, – mais conhecida

como Lei Maria da Penha – no qual aponta as formas de violência que essa lei abrange “[...] configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

A Lei Maria da Penha denomina-se dessa forma por fazer homenagem a uma mulher cearense que no ano de 1983 foi agredida por seu marido, levando um tiro que a deixou paraplégica. E não parando com as violências contra a esposa, ele ainda tentou eletrocutá-la. Perante todo esse sofrimento, Maria da Penha Maia Fernandes saiu de casa com suas filhas em busca de ajuda e justiça. Após 19 anos ela conseguiu ver seu agressor pagando, mesmo que tardiamente pelas tentativas de homicídio. Hoje, Maria da Penha é símbolo da luta contra a violência doméstica, pois recorreu com todas as forças pela justiça e por seus direitos como mulher e cidadã brasileira.

Seguindo as diretrizes da lei 11.340/2006 a qual aponta que a violência doméstica e familiar contra a mulher é uma das formas de violação dos direitos humanos. O artigo 7º desta mesma lei divide essas formas de violência em cinco tipos: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

A violência física se configura por tapas, chutes, empurrões ou qualquer outro tipo de agressão física que provoque danos à integridade ou a saúde corporal da mulher;

A violência psicológica se dá, por atos que causem danos emocionais de maneira negativa à vítima, por meios de insultos ou denegrindo a mulher mediante ameaças verbais, muitas vezes, constantes.

A violência sexual ocorre quando o agressor obriga a mulher a manter relações sexuais contra a sua vontade, usando a força para obter o êxito na ação vil.

A violência patrimonial é vista quando o agressor destrói bens materiais da vítima, patrimônios como documentos, economias, objetos de valor.

A violência moral acontece por meio de ações que causem constrangimento a vítima por intermédio de calúnias, difamação ou injúria.

Diante dessas premissas, se faz necessário destacar que a violência doméstica contra a mulher precisa ser vista como um problema sério que atinge o convívio em sociedade e traz grandes consequências para as suas vítimas. Assim, a lei Maria da Penha atua diariamente como mais uma forma de tentar combater as violências contra o público feminino e proteger as mulheres de relações abusivas, sendo essas mulheres respaldadas pela lei.

O movimento feminista também vem como uma forma de intervenção à violência contra a classe feminina, e esse movimento será abordado com maior destaque no tópico seguinte.

2.3 O feminismo como igualdade de direitos entre os gêneros

Ao longo dos anos o conceito de identidade feminina vem se modificando devido a várias mudanças ocorridas na sociedade, no sentido de pôr a mulher numa situação igualitária em relação ao homem. Mudanças como: os movimentos feministas, as revoluções econômicas e políticas pela autonomia e direito feminino no sentido de terem opções de seguir por carreiras profissionais diversas e a vida independente de qualquer homem, seja pai ou marido.

Porém, até meados do século XIX a independência feminina era vista como algo desnecessário, a hegemonia machista não tolerava que a mulher pudesse alçar seus próprios voos. Esta, por sua vez, era criada para cuidar da família e da casa, sendo submissa ao esposo e lutando pela felicidade da sua família, sempre respeitando seu marido. Não havia possibilidades de um futuro promissor e digno se a mulher não estivesse situada dentro desses moldes sociais.

O movimento feminista aparece justamente para quebrar essa máxima de que as mulheres sejam indivíduos condicionados apenas a viver para o lar e para a família. Para tanto, nas últimas décadas do século XIX, desponta em Londres as primeiras manifestações inseridas no contexto do feminismo, no sentido de as mulheres adquirirem maiores direitos sociais, inclusive o de votar, como Pinto (2010) relata a seguir:

[...] quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. [...] O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p.15).

A partir desse início conturbado o movimento feminista se expandiu, ganhou força e notoriedade e também teve seus períodos de queda devido as transformações políticas e sociais do século XX. No Brasil, o movimento só veio tomar força a partir da década de 70, com as primeiras manifestações feministas em um debate sobre o papel da mulher na sociedade brasileira.

O conceito de feminismo, mesmo com o passar dos anos e após ser tão difundido na atualidade ainda é visto como um movimento que se assemelha ao machismo; como uma espécie de machismo na mulher. Esse pensamento, muitas vezes se dá, por ideias

preconcebidas e culturalmente enraizadas como aborda Adichie (2015) ao expor seu pensamento “Tenho a impressão de que a palavra “feminista”, como a própria ideia de feminismo também é limitada por estereótipos.”

Ao contrário do que muitos pensam, o movimento feminista não faz apologia a transformação de homens em mulheres ou julga de maneira frívola as vaidades femininas. Pelo contrário, o feminismo atua como um movimento que reivindica direitos igualitários entre homens e mulheres e luta contra as discriminações sexistas impostas no meio social, assim como conceitua Pinto (2010):

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p.16).

2.4 Sobre o autor valter hugo mãe

O autor deste romance “*o remorso de baltazar serapião*” se chama *valter hugo mãe*, nome artístico do escritor português Valter Hugo Lemos. Em entrevista aos programas de TV do “Jô Soares” e “Roda Viva” ele fala que este nome artístico se deu pelo fato de que os nomes das famílias eram herdados apenas dos pais, sendo os nomes das mães sempre esquecidos, daí veio esta homenagem às mulheres em colocar o nome *mãe*.

valter hugo mãe é um dos maiores escritores da língua portuguesa. Ele nasceu há 47 anos em, Angola, na cidade de Saurimo na antiga Henrique de Carvalho, onde erradicou-se no norte de Portugal ainda na infância com dois anos de idade.

Este autor é o que poderíamos chamar de homem múltiplo, pois assume as posições de romancista, poeta, dramaturgo, cronista, contista, argumentista, editor, artista plástico, DJ e também cantor. No começo de sua carreira como poeta, as suas poesias não eram bem aceitas pelos seus leitores, nos quais achavam muito esquisitas, mas quando começou a escrever em prosa uma nova janela se abriu para o público leitor.

Este escritor já ganhou vários prêmios com seus livros, tanto na poesia quanto na prosa, os mais conhecidos foram o Prêmio Almeida Garrett e o Literário José Saramago em 2007. Suas obras são inúmeras, na poesia temos algumas como: *Silencioso corpo de fuga* (1996); *O sol pôs-se calmo sem me acordar* (1997); *Três minutos antes de a maré encher*

(2000). Alguns de seus romances são: *O apocalipse dos trabalhadores* (2008); *O Filho de Mil Homens* (2011); *A Desumanização* (2013); *A máquina de fazer espanhóis* (2010), entre outros.

Diante dessas concepções abordadas até o momento é que a pesquisa agora prossegue relacionando essas concepções citadas, com a obra *o remorso de baltazar serapião*, do escritor *valter hugo mãe*, no sentido de analisar algumas atitudes violentas da personagem *baltazar* para com as mulheres, principalmente à sua esposa *ermesinda*.

3 A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO

Numa sociedade, com características bem próximas da Idade Média, temos *baltazar serapião*, um dos integrantes da família *serapião*, vulgo “*sargas*”, reconhecidos popularmente assim, por criarem uma vaca dentro de casa como um animal de estimação, e essa, atendendo pelo nome de *sarga*. Essa vaca, por vezes, é tida por seus proprietários como além de um animal irracional, gerando falácias pelos arredores, “e era como se dizia, que éramos filhos da *sarga*, sem grandes rodeios, éramos como filhos da *sarga*.” (MÃE, 2010, p.40). Assim os *serapiões* eram conhecidos, como se tivessem sido gerados por uma vaca, desprezando a existência de uma mãe e mulher racional.

A personagem *baltazar* é o protagonista e o narrador do romance, ele é um camponês que juntamente com sua família: o pai, a mãe, a *brunilda* irmã, o irmão *aldegundes*, *ermesinda* sua esposa e a vaca de estimação *sarga*, habitam e trabalham nas terras de *dom afonso*, o qual desempenha o papel de senhor feudal naquele local. O foco principal da história transcorre em torno de seu amor – violento e descontrolado – por *ermesinda* e dos desmandos de *dom afonso* perante toda a família.

A questão da violência contra a mulher é posta dentro do enredo da obra de maneira a explicitar como o homem trata a mulher de forma depreciativa e a faz subjugada aos seus comandos, como se fosse superior a ela, e detentor exclusivo do poder e direitos. Como nos deixa claro o trecho a seguir, descrito por *baltazar* a sua amada *ermesinda*:

e, quando a *ermesinda* veio, entrou no nosso lado da casa, solta das demoras de *dom afonso*, preparada para se explicar, sabia eu, e surpresa com a minha aparição gaguejou algo que não ouvi, tão grande foi o ruído de minha mão na sua cara, e tão rápido lhe entortei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos, que te saiam os peidos pela boca se me voltas a encornar, definharás sempre mais a cada crime, até que sejas massa disforme e sem diferença das pedras ou das merdas acumuladas (MÃE, 2010, p.53).

Ao agredir sua esposa, *baltazar* não a deixa se explicar e nem se defender das ameaças, fazendo com que *ermesinda* apenas se sujeite às ações agressivas de seu marido. Analisando esse fato à luz da Lei 11.340/2006, verificamos que *baltazar* fere sua mulher física e psicologicamente como aponta o artigo 7º desta lei em vigência no Brasil:

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (BRASIL, 2010, p.14).

O romance em si, apresenta passagens fortíssimas de violência contra as personagens femininas, estas cometidas por seu pai *afonso* contra a sua mãe e pelo próprio *baltazar*, a sua amada *ermesinda*, a justificativa para tamanha crueldade contra sua esposa se dá pelo fato da dúvida se ela está ou não lhe traindo, já que todos os dias passa as manhãs trancada numa sala com *dom afonso*, o dono de tudo e de todos. São sequências de violência muito forte cometido por *baltazar* a sua amada, o que para ele é uma coisa natural, pois estaria apenas educando-a, para os bons costumes daquela época, com isso a pobre da *ermesinda* não pode fazer nada a não ser sofrer calada. A seguir temos um pouco desta passagem:

entrei em casa e, noite coberta, escuro e silencioso o momento, entrei dedo dentro de ermesinda olho arrancado. como te disse, ermesinda, prometido de coração é devido. ficarás a ver melhor do que te devia deixar, mas deixo-te o outro para vez que me pareça. ou por piedade, e a este deito-o à terra e cubro-o para ser comido. não te preocupes agora, se dormires de mão aí tapada acordarás ainda e ainda também quando eu for e voltar. e ela pôs mão no olho arrancado e deitou-se em desmaio para o chão. (MÃE, 2010, p.107-108).

Diante de tamanha crueldade para com sua esposa *ermesinda*, observamos que a principal força que alimenta tamanha brutalidade é a necessidade de controle e dominação de sua amada. Como *baltazar* não tem esse controle total sobre sua esposa, a necessidade de violentá-la vai surgir como uma resposta ao conflito entre o casal.

e se lhe dei o primeiro corretivo de mão na cara não foi porque não a amasse, e disse-lho, existe amor entre nós, assim te aceitei por decisão de meu pai que quer o melhor para mim, mas deus quis que eu fosse este homem e tu a minha mulher, como tal está nas minhas mãos completar tudo o que no teu feitio está incompleto, e deverás respeitar-me para que sejas respeitada. nada do que eu te disser deve ser

posto em causa, a menos que enlouqueças e me autorizes a pôr-te fim. (MÃE, 2010, p. 48).

As políticas públicas e as leis a favor da mulher são necessárias e imprescindíveis, porém, por medo ou dependência de seus companheiros, muitas mulheres não denunciam seus agressores e acabam sujeitas a essas situações indelicadas.

A questão da violência doméstica contra a mulher apesar de ser um assunto bastante difundido e grave, ainda é visto como um fato que torna-se difícil de ser controlado por variadas questões, como aponta Teles (2015):

O panorama de dependência e isolamento dificulta muito o enfrentamento à violência doméstica já que em muitos casos, as mulheres não sabem ou não se sentem seguras para viver sem o marido e mesmo depois de fazer uma denúncia, voltam atrás, pedem para ser retirado o processo. É comum ouvir das mulheres que não adianta ir à delegacia, conhecem alguém ou já ouviram histórias de mulheres que tentaram e acabaram não conseguindo resolver o seu caso e ainda foram ridicularizadas pelos profissionais. (TELES, 2015, p.63).

Fica claro, que não adianta apenas as vítimas procurarem as delegacias e denunciarem seus agressores, pois nem sempre seu agressor é afastado e ao regressarem para as suas casas sem terem o caso resolvido, as mulheres acabam passando por novas e maiores violências. Os agressores, por questões de vingança e raiva, e por terem sido denunciados, voltam a atacar as mulheres, quando a denúncia não surte o efeito desejado de prisão ou afastamento do agressor.

Para tanto, o receio e o medo das mulheres, apesar de difícil, devem ser enfrentados em situações de violência como essas, e as políticas públicas em favor da mulher devem ser exploradas e melhoradas cada vez mais. Para que as mulheres possam buscar maiores posicionamentos na sociedade e para que a hegemonia masculina não se sobreponha sobre a classe feminina de maneira tão disforme, podendo as mulheres terem futuro e vidas independentes de qualquer homem.

Um dos episódios da narrativa que mais chama a atenção por seu caráter selvagem na atitude humana é a cena que descreve *afonso*, pai de *baltazar*, adentrando seu próprio braço no interior do ventre de sua esposa, mãe de *baltazar*, e de lá arranca o que chamou de “infeliz animal”, um feto que ele acredita ser fruto de um ato de adultério de sua esposa, em seguida joga-o no chão e o esmaga com o pé. Em consequência de tamanha crueldade e violência a pobre mulher não resistiu e expirou. Podemos observar isso no trecho a seguir:

e o meu pai decidiu tudo nesse momento, que, se o curandeiro já não a salvaria, nem salvação merecia. e foi no dia em que o povo se preparava para queimar mulher que se portara mal que o meu pai rebentou braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara. e gritou, serás amaldiçoado para sempre. depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada. e, como se gritava e mais se fazia confusão, mais se apagava minha mãe, rápida e vazia a fechar olhos e corpo todo, não mais era ali o caminho para sua alma, não mais a ela acenderíamos por aquele infeliz animal que, morto, seria só deitado à terra para que desaparecesse. (MÃE, 2010, p.75).

Podemos relacionar esse tipo de atitude ao que fazia a igreja medieval com o seu poder que tinha sobre a vida das pessoas, com suas regras, que se por acaso fossem violadas, os transgressores deveriam sofrer as devidas punições, principalmente as mulheres “por causa de seu caráter maligno intrínseco, a mulher precisava de ser disciplinada. A lei canônica permitia especificamente o espancamento da esposa, e isto acontecia em todos os níveis da sociedade.” (RICHARDS, 1993, p. 23)

Por consequência deste poder que a Igreja tinha sobre manipular a vida das pessoas, a que estado chegou *ermesinda*, de tanto sofrer com as punições aplicadas por seu marido, *baltazar*, o qual afirmava que estava educando-a, também pelo motivo de desconfiar que *dom afonso* mantivesse relações com ela, fato esse nunca confirmado durante todo o enredo. *ermesinda* era considerada a mais bela das mulheres, perdeu seus traços de ser humano, ficando num patamar de total deformação como é descrita pelo próprio *baltazar*:

A minha amada nem se levanta por seus próprios apoios, havia que eu lhe deitar mãos por braço debaixo, tronco a subi-la para, numa posição breve, se deixar momentos segura, e não muito mais, porque caía cansada a condoer-se. minha bela ermesinda, como estás. Pé torto, mão para o ar, braço colado ao peito, outra mão nenhuma, olho só buraco e cabeça descarecada às peladas, altos e baixos a faltar redondez de cabeça comum. (MÃE, 2010, p.189).

Essa hostilidade se estendia para a sexualidade, aonde o homem se colocava na posição de dono do corpo feminino e o usava de maneira grotesca. Para exemplificar esse modelo de tratamento medieval no qual as mulheres eram submissas aos seus maridos servindo apenas para cuidar dos afazeres da casa e servi-lo sexualmente com a único objetivo de procriação, apreciemos mais uma cena do enredo que descreve um ato sexual entre *afonso* e sua mulher:

[...] e era sempre o mesmo, desde há tanto, o meu pai deitando-se mais tarde [...] com um empurrão que escutava, entrava nela a acordá-la, já hábito, há ela a surpresa não lhe trazia som à boca nem contorção maior. era só um súbito silêncio no ronco que dava lugar ao gemido, um pouco depois, para um alívio rápido do meu pai. (MÃE, 2010, p. 25-26).

Se com suas esposas, os homens se portavam com tamanha grosseria, o que dizer do tratamento dado as mulheres ditas “do mundo”, com as quais procuravam se satisfazer? A personagem *teresa diaba* era uma dessas, que todos a adentravam e como dizia *baltazar*:

a teresa diaba era quem vinha muito por mim. Parecia uma cadela no cio, farejando aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. [...] estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma mulher. (MÃE, 2010, p. 27-28).

Ela era usada, repartida entre vários, servia apenas para que usassem “seus buracos”. Mas a impureza de tais atos caíam apenas sobre as mulheres, como deixa bem claro o discurso de *serapião*: “e eu esclarecia a diaba, olha, minha porca, és tão porca de tudo que nem te bato nem te mato, ficas aí despedaçada para vergonha do teu pecado, hás de morrer de bichos que te comam viva para pagares o nojo que metes a deus.” (MÃE, 2010, p. 51).

Na sociedade de hoje podemos observar que ainda existe uma Idade Média presente e que as lutas pela igualdade de gêneros ainda é constante, visto que as lutas femininas vem buscando alcançar seus direitos diariamente e perpassa por décadas. O movimento feminista – assim como a vida – é plural e constante, nessa diversidade a luta pelos direitos femininos, sejam eles, sociais, políticos ou econômicos não pode parar. Esses direitos que muitas vezes são negligenciados pela desigualdade entre os gêneros, como a questão dos salários menores para mulheres que desempenham o mesmo trabalho que os homens, a mulher vista como mercadoria ou troféu, o assédio moral em ambientes públicos causando o constrangimento e a humilhação que é visto como violência à mulher e tantos outros direitos que ficam a margem, esquecidos, e ao centro do ideário feminista.

Na citação a seguir, notamos quais os atributos que a mulher deve ter para ser uma boa esposa, como dita a personagem *baltazar* ao repetir o discurso de seu pai. A posição inferiorizada da mulher vem de forma marcada, mostrando a figura feminina como um ser mecânico, incapaz de ter sentimentos e de nutrir bons pensamentos e ideias,

uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada, explicava o meu pai, ajeitada nos atributos, procriadora, cuidadosa com as crianças e calada para não estragar os filhos com os seus erros. também para não espalhar pela vizinhança a alma secreta da família. (MÃE, 2010, p.17).

Entretanto, a voz da mulher seria perigosa e vinha de caldeiras fundas, onde só o diabo e a gente a arder tinha destino, além de está abaixo do mugido da vaca, ou seja, a mulher

estaria degraus abaixo de um animal. Seguindo esse raciocínio, a mulher deveria ser silenciada a todo custo, e só o discurso masculino deveria prevalecer. Para *baltazar*, o seu pai seria o grande referencial a ser seguido, orientando dessa forma os filhos no tratamento dado as mulheres, principalmente no que se refere a fala:

dizia o meu pai, a voz das mulheres só sabe ignorâncias e erros, cada coisa de que se lembre nem vale a pena que a digam. mais completas estariam, de verdade, se deus as trouxesse ao mundo mudas. só para entenderem o que fazer na preparação da comida e de baixo de um homem e nada mais. (MÃE, 2010, p. 190).

Como a mulher era muita das vezes associada ao diabo, surge assim no decorrer do romance outra personagem que merece ser destacada, é a *gertrudes*, mais conhecida por toda comunidade como “bruxa”, pois esta não aceita o tratamento dado as mulheres naquela sociedade medieval, ela era uma viúva, acusada de matar vários maridos e causar mal as pessoas, foi condenada e queimada viva em plena praça pública, mas apesar de tudo conseguiu sobreviver a esta barbárie. *gertrudes* no entanto é temida por todos, principalmente por *baltazar*, isso se deve ao fato dela não corresponder aos padrões estabelecidos naquela época, fato esse que foi considerado um dos motivos a possuir poderes mágicos, amaldiçoando assim *baltazar*, *aldegundes* seu irmão mais novo e *dagoberto* seu amigo, a viverem presos e colados uns ao outros para o resto de suas vidas. Na passagem seguinte temos *baltazar* em conversa com *gertrudes*, ensinando-a como uma mulher deve ser submissa, calada e obediente as leis e a ordem social estabelecida nos moldes medievais:

[...] homem de verdade consome-se de carnes, é normal. Nada normal para mim que recuso ser de homem, nada quero que homem algum me toque. E porque te casaste. sempre fui casada por pais ou homens que me mandassem, mulher solteira é má de vida e fica sem trabalho nem amizades. Pois mulher minha apanha tanto quanto deve, até que se ensine de tudo o que lhe digo [...] agradeço sinceridade, mas abdicó de razões femininas, mulher é coisa de pouca sabedoria e nenhuma estabilidade, o que pensam hoje, amanhã não sabem. é perigoso que se ouça coisa que digam, assim que te abdicó de proferires palavra, só palavras de sobrevivência te refiro, resto disso nada. Como queiras. Como quero. Peço perdão (MÃE, 2010, p.110).

O feminismo vem exatamente quebrar essa ideia machista de superioridade masculina que ainda se encontra internalizada no seio dos indivíduos que defendem o modelo patriarcal de sociedade. Vem no sentido de orientar e lutar por um mundo mais justo e correto, de pessoas críticas e autênticas quanto ao melhor modo de agir e respeitar as diferenças sem nunca excluir ou usurpar os direitos entre os gêneros, sempre buscando conviver em regime de respeito mútuo. A começar então, pela mudança na criação das crianças do sexo masculino, as quais serão os futuros homens machistas ou não, como Adichie (2015) critica:

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são — porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, *homens duros*. (ADICHIE, 2015, p. 36-37).

Geralmente, por mais que o tempo transcorra e as mudanças aconteçam, ainda é nítido muitas famílias criarem seus filhos homens para serem fortes e capazes de dominar e gerir suas casas. É culturalmente estigmatizada essa forma de agir masculina, como também se tornou cultural o orgulho do homem ao tirar a virgindade de uma mulher, como um troféu a ser exposto para todos contemplarem,

sob mim a receber os meus jeitos em paz de proveito, muito delicada sem dizer palavra que me quisesse pedir maior cuidado ou carinho. nada. e o lençol sujou-se de sangue e assim o apresentámos aos meus pais para que surdamente se espalhasse o orgulho de toda a família. o teodolindo, jurando por nós nos votos religiosos, abriu os dentes em flor, bateu-me nas costas muito amigo e disse-me, chegaste bem à idade adulta, tens mulher e honra com que te servir. (MÃE, 2010, p.43).

Ao se sujeitar aos atos indelicados do marido e permanecendo em total silêncio, *ermesinda* prova o quanto é submissa e diminuída em seu relacionamento com *baltazar*. Esse temperamento calmo e passivo da mulher só faz, ainda mais, inflar o ego machista e empoderado do marido. Adichie (2015) indaga sobre essa maneira subalternizada da mulher se portar, quando destaca:

E criamos as meninas de uma maneira bastante perniciososa, porque as ensinamos a cuidar do ego frágil do sexo masculino. Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: “Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem.” Por que, então, não questionar essa premissa? Por que o sucesso da mulher ameaça o homem? (ADICHIE, 2015, p.38-39).

A escritora Chimamanda deixa em seu discurso essas indagações como forma de reflexão, acerca dos motivos que levam os homens a se sentirem intimidados com o poder feminino, com o quanto as mulheres podem também vir a ter sucesso em suas vidas profissionais e pessoais. O sucesso feminino ameaça o homem no que compete a eles perderem o status de superioridade que carregam historicamente.

Adichie (2015) ao discorrer sobre o casamento opina de maneira crítica quando diz “Já que pertença ao sexo feminino, espera-se que faça minhas escolhas levando em conta que o casamento é a coisa mais importante do mundo”. E não precisa ser a coisa mais importante do

mundo. As mulheres não precisam necessariamente do matrimônio para se firmarem e serem valorizadas.

O casamento pode ser, sim, muito bom desde que seja um relacionamento saudável e livre de cobranças e violências. Do contrário, permanecer em um relacionamento abusivo não é a melhor solução. Hoje em dia, existe um mundo cheio de possibilidades que se apresentam para as mulheres, bastando que elas sigam reivindicando e acreditando na luta pelos direitos de igualdade social, política e econômica entre os sexos.

Porque só assim, quando houver respeito pelas diferenças e igualdade nos direitos teremos uma sociedade mais homogênea e livre de ameaças e violências contra as mulheres.

Portanto, apesar do título do livro trazer em si o nome “remorso”, percebemos que no final do romance *baltazar*, não sente qualquer remorso pelas suas atrocidades e violência contra a sua amada *ermesinda*, pois ele se reconhece como vítima e que seus atos eram mais que justificáveis, já que estaria apenas educando-a para os bons costumes daquela época que era marcada pelo machismo e dominação da Igreja Católica, onde um animal tinha mais valor do que a própria mulher.

A seguir mais um trecho descrito por *baltazar*, no que se refere ao seu remorso:

sim, poderia sentir remorso pela competência tão apurada usada na educação da minha mulher. por essa sensatez de não deixar que se perdesse sem retorno. poderia sentir remorso por essa bondade de, a cada momento, a ir buscar à razão, a fazer ver as coisas mais corretas da criação, para a ajudar a encontrar o seu lugar mais humano. poderia sentir remorso naquele instante, perante a minha ermesinda tão diferente, que muito mais descansada estaria do corpo se eu me houvesse desleixado nos bons trabalhos de ser seu marido. aceitei o seu silêncio e compreendi que seria melhor assim. (MÂE, 2010, p. 190)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir neste estudo a respeito das formas subordinadas e indigna às quais as mulheres são tratadas por seus opressores no contexto da obra de *valter hugo mãe*, “*o remorso de baltazar serapião*” ainda recorrentes na atualidade. O foco esteve em contrastar essa opressão com soluções dignas de conter essa violência, sob a forma de luta pela igualdade entre os gêneros, assim como carrega o sentido do feminismo.

Quanto ao fato de ainda as mulheres serem oprimidas e caladas por meio da violência, (física, sexual e psicológica) à qual os homens – sejam eles: pais, namorados, maridos – impõem a estas, percebemos que existem formas de lutar contra as imposições e violências que ainda, no século XXI, sobrevivem no meio social como forma de machismo e intolerância de gênero sob o público feminino.

Com base na narrativa em estudo, verificamos que a literatura tem o papel de humanizar, assim como contribuir para que o leitor contemporâneo compreenda e reflita sobre os vários aspectos que a obra em si oferece. Não olhando o lado ruim das várias passagens de violência que a obra em si apresenta, mas procurando formar novos conceitos e valores de que tais abusos em excesso não são nada sadios e construtivos, uma vez que a melhor maneira para conter a violência é lutar pela igualdade de gênero, diante disto Candido considera que: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (2011, p. 180).

Portanto, este estudo aqui apresentado não esgota os diversos temas que a obra pode em si ser explorada. Esperamos assim, ter contribuído de alguma forma para os futuros estudos sobre esta obra cujas cenas mexem muito com o imaginário dos leitores, possibilitando reflexões.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Cristina Baum. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BÍBLIA, A.T. Gênesis. In: BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. Tradução de Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2014, p.24.
- BRASIL. Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- Literatura - A PORNOGRAFIA - Eliane Robert Moraes**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oqasXWtpxBk>>. Acesso em 07 de fev. 2020.
- mãe, valter hugo. **o remorso de Baltazar serapião**. São Paulo: Ed.34, 2010.
- MORAES, Eliane Robert. **O efeito obsceno**. Revista eletrônica. Cadernos pagu (20), 2003. pp. 121-130.
- MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasilense, 1985.
- PEREIRA, Malila Natascha da Costa; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. A violência doméstica contra a mulher. **Espaço do Currículo**, v.4, n.1, pp.22-34, Março a Setembro de 2011.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia Política**. V. 18, Nº 36. Junho, 2010, p. 15-23.
- RICHARDS, Jeffrey H. **Sexo, desvio e danação**: As minorias da Idade Média/Jeffrey Richaed; tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. Navegar é preciso, para as políticas públicas chegarem até as mulheres! In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (ORG). **Mulheres, gênero e violência**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p.57-71.
- Valter Hugo Mãe no Programa do Jô**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QVlt8cmK9R8>>. Acesso em 10 de fev. 2020.
- Valter Hugo Mãe, RODA VIVA - 06/01/2014**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6i67t4CZRew>>. Acesso em: 13 de fev. 2020.